

A INCLUSÃO DE UM ALUNO AUTISTA EM UMA ESCOLA PRIVADA DE ENSINO.

Autor (Germana Sintia Redig de Oliveira)

Pós Graduando em Educação Ambiental e Sustentabilidade da Universidade Federal do Pará-UFPA, Belém/PA. E-mail: germana.redig@yahoo.com.br;

Orientador (Frederico da Silva Bicalho)

Professor Msc^o Frederico da Silva Bicalho - Universidade do Estado do Pará-UEPA, Belém/PA. E-mail: fredbicalho@uepa.br

Resumo

O presente artigo foi um relato de experiência, com enfoque qualitativo, não se preocupando em medir ou quantificar os dados coletados, de origem fenomenológica, pois se estuda um fenômeno envolvendo sujeito humano. Serão apresentadas brevemente conceitos de autismo e leis de inclusão no ensino regular. Estabeleceu-se como objetivo geral de analisar o processo de inclusão do aluno autista. E, dentre os objetivos específicos: (a) verificar como se dá o processo de inclusão do aluno autista na sala de aula; (b) identificar o serviço de apoio especializado que estão dispostos ao aluno e o seu educador; (c) analisar as estratégias/práticas pedagógicas que são utilizadas com o aluno autista. Buscando analisar como ocorre o processo de inclusão do aluno autista nos ambientes da escola e serve para que os profissionais da escola percebam que o aluno autista precisa de estímulos e que todos podem colaborar para o seu desenvolvimento e socialização.

Palavras-Chave: Autismo. Inclusão. Socialização.

INTRODUÇÃO

O presente artigo originou-se de um trabalho de conclusão de curso que possui o mesmo título que o artigo e a partir do mesmo e com a experiência profissional na área percebo a importância de se trabalhar o tema. Dentre os assuntos abordados pela Educação Especial, o Autismo aqui se destaca, sendo considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. As causas não estão claramente identificadas, porém já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e independente da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica.

Esta síndrome lança novos olhares sobre a educação dessas crianças, impondo a demolição dos discursos educacionais que excluem as diferenças. A aceitação das diferenças entre as pessoas inclui a preocupação com o outro, o respeito, o reconhecimento, a tolerância.

Diante do exposto, a motivação para o desenvolvimento deste estudo referente ao autismo surge com a experiência de um estágio não obrigatório em uma escola privada de ensino, localizada no Município de Belém-PA. Onde foi desempenhado a função de facilitadora de um aluno autista do Jardim II. Neste sentido o objetivo geral do estudo é analisar o processo de inclusão do aluno autista. E, dentre os objetivos específicos: (a) verificar como se dá o processo de inclusão do aluno autista na sala de aula; (b) identificar o serviço de apoio especializado que estão dispostos ao aluno e o seu educador; (c) analisar as estratégias/práticas pedagógicas que são utilizadas com o aluno autista.

O estudo foi desenvolvido por meio de um relato de experiência, investigando as práticas pedagógicas inclusivas realizadas com esse aluno. O enfoque foi qualitativo, pois aborda o objeto da pesquisa sem preocupação de medir ou quantificar os dados coletados, de origem fenomenológica, pois se estuda um fenômeno envolvendo sujeito humano. O sujeito envolvido nesta pesquisa foi um aluno autista de 4 anos de idade, diagnosticado com grau leve de espectro autista, os instrumentos de coleta de dados foram: o relatório individual de avaliação do aluno e diário de bordo, onde foram anotados o comportamento e ações desenvolvidas durante o dia a dia do aluno.

Buscando analisar como ocorre o processo de inclusão do aluno autista nos ambientes da escola, como são pensadas e elaboradas as estratégias/práticas pedagógicas identificando os serviços que estão dispostos a esse aluno e seu educador e serve para que os profissionais da escola

percebam que o aluno autista precisa de estímulos e que todos podem colaborar para o seu desenvolvimento e socialização.

DESENVOLVIMENTO

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo escrito originalmente em inglês: *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*. Inicialmente ele considerou a causa da origem do Autismo como Física, depois apontou como sendo Psicológica e posteriormente retornou a ideia de Física. Nos anos 60 os casos descritos por Kanner eram bastante difundidos entre os profissionais que estudavam sobre o assunto. Foi assim que em 1962, houve a criação da primeira associação formada por familiares e profissionais na Inglaterra, chamada de *National Autistic Society*. Desta forma, foram aumentando os debates sobre o assunto o que permitiu a crescentes investigações não apenas sobre o autismo, mas a outros transtornos de desenvolvimento, tais como a deficiência mental e os problemas de linguagem e comunicação.

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde o nascimento, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. De acordo com alguns autores, o autismo, faz parte de um grupo maior denominado Transtorno Global de Desenvolvimento - TGD, o qual abrange problemas que afetam a capacidade de relacionamento social e comunicação.

As definições vêm sendo atualizadas ao longo dos anos e estão de acordo com estudos de pesquisadores que detiveram os mesmos de maneira detalhada para a Síndrome do Autismo. Para Bosa (2002), são chamadas Autistas as crianças que tem inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável.

O diagnóstico de Autismo não é muito comum antes de dois anos de idade porque as características que identificam o quadro Autismo não estão ainda bastante claras antes desta época. No entanto, o Autismo é inato e suas características são apresentadas desde o nascimento, porém se muita clareza, já que as principais manifestações no quadro – socialização, comunicação/linguagem e imaginação – se apresentam mais explicitamente acima dos dois anos de vida. Esses diagnósticos



são sempre formulados a partir da observação de um conjunto de sintomas apresentados pela pessoa.

A maioria dos estudiosos afirma que o autismo não tem cura, pois mesmo quando há um ótimo desenvolvimento suas características permanecem por toda a vida. Portanto, hoje existem tratamentos que podem levar a criança a um excelente desenvolvimento e a uma melhor qualidade de vida, ainda mais quando são realizadas as intervenções precoces.

A família e a escola funcionam como partes fundamentais para o bom desenvolvimento das crianças e jovens com autismo no convívio social. As pessoas com autismo têm os mesmos direitos, previsto na Constituição Federal de 1988 e outras leis do país, que são garantidos a todas as pessoas. São eles: direitos na assistência social, direito à educação, direito ao esporte, à cultura e ao lazer, direito à saúde, direito ao trabalho, direito ao transporte e o combate a discriminação. Além, de possuírem instituições e órgãos de defesa como a Defensoria Pública, Ministério Público e o Conselho Tutelar.

Segundo a Resolução nº 400 do Conselho Estadual de Educação (Art. 1º):

Educação Inclusiva é o esforço efetivo coletivo para adequação do processo ensino-aprendizagem às diversidades dos alunos, utilizando-se medidas democráticas de inserção incondicional de pessoa com necessidades educacionais especiais às escolas regulares, visando o exercício pleno de sua cidadania (Resolução nº 400, 2005, p. 1)

Educação inclusiva como se pode ver, não é simplesmente um fato, é um processo. Como todo processo tem suas etapas e deve ser avaliado em todas elas, com responsabilidade, olhos minuciosos e críticos, para a qualificação do mesmo. A escola deve ser uma comunidade aberta, onde todos são valorizados exatamente por suas diferenças, que os fazem únicos e plenos de possibilidades a serem desenvolvidas no convívio e na interação com o outro. A educação para ser inclusiva precisa levar em conta as particularidades de cada aluno e não rótulos sobre eles, suas potencialidades, capacidades e não somente suas limitações e dificuldades.

A escola é um lugar repleto de aprendizagem, estímulos e oportunidades para o desenvolvimento pleno da pessoa. Escolas precisam ser bem estruturadas, em que os professores já tenham experiências com autistas para desta forma, a aprendizagem ocorrer em todos os sentidos.

Concebendo metodologia como caminho a ser seguido, segundo Libâneo (1994), o método vai em busca das relações internas de um objeto, de um fenômeno, de um problema, uma vez que esse objeto de estudo fornece as pistas, o caminho para conhecê-lo. O procedimento metodológico foi operacionalizado em dois momentos: Pesquisa Bibliográfica e estudo de Caso. O sujeito da pesquisa era uma criança autista de 4 (quatro) anos de idade do Grupo escolar 5 (Jardim II).

Utilizou-se como critério de escolha do sujeito estudado: ser autista, haja vista que precisava estar dentro do contexto do tema proposto por essa pesquisa, estar frequentando regularmente a escola e por ter acesso e ligação como o mesmo, visto que, é desempenhado a função de Facilitadora Educativa.

A pesquisa foi realizada no Grupo 5 de um colégio de ensino privado, situado no bairro de Batista Campos, em Belém/PA. A escola foi escolhida por dispor de serviços educacionais especializados tanto ao aluno como seu educador e principalmente por oferecer e permitir a utilização de diferenciadas metodologias.

O colégio tem estrutura física de qualidade: salas climatizadas, biblioteca, brinquedoteca, sala multifuncional, quadra de esporte e área de recreação. Além, de uma equipe pedagógica que se encontra a disposição dos seus funcionários, alunos e demais profissionais.

A criança autista necessita de estímulos para se desenvolver. E a escola surge como promotora chave nesse processo de desenvolvimento. De acordo com Bosa (2006), o planejamento do atendimento à criança com autismo deve ser estruturado de acordo com o desenvolvimento dela, ou seja, com as crianças menores o que deve ser priorizado de imediato é a fala, a interação social, interação com outras pessoas para o desenvolvimento da linguagem e a educação, entre outros, que podem ser considerados instrumentos importantes para promover a inclusão da criança autista.

As atividades dentro da sala de aula e nos outros espaços da escola eram sempre bem planejadas a fim de incluir de forma satisfatória a criança autista em todos os processos. Esse trabalho deve estar ligado à família, pois é esta que tem mais experiência em lidar com a criança e as práticas no tratamento do autismo são essenciais, visto que contam com a ajuda dos pais, que colaboram com intervenções positivas no cotidiano familiar.

CONCLUSÃO:

Diante do estudo realizado por meio de estudo de caso, constatamos a grande valia que tem a socialização da criança autista no ensino regular, pois traz contribuições significativas para o seu desenvolvimento cognitivo e social da mesma. A sua inclusão no contexto escolar possibilitou o desenvolvimento pleno e integral do autista que apresentou conquistas significativamente importantes para sua vida. Sendo assim, comprovamos que o processo de inclusão promove vivências que servirão de suporte para o futuro, porque a interação associada ao contexto educacional desenvolve cognitivamente a criança autista, a fim de estimular suas potencialidades na construção de uma vida repleta de oportunidades. Bosa (2002) afirma que o

autismo é um desafio ao conhecimento sobre a natureza humana, compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento.

Em razão das particularidades do autismo, afirmo que a sua inclusão escolar deve respeitar alguns critérios, principalmente a sua individualidade. Cada criança autista é uma nova vida, com limitações e habilidades únicas que devem ser exploradas pelo sistema educacional, ou seja, não existe regra a ser seguida.

Portanto, a escola servirá como uma libertação dos preconceitos enraizados numa sociedade que ainda considera o autista, como um ser sem capacidade de se desenvolver e interagir com o outro. Todo ser humano é modificável, sendo necessária estratégias de qualidades, buscando o seu desenvolvimento.

REFERENCIAS:

- BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice e colaboradores. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre, Artmed 2002.
- BOSA, C. A. (2006). **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 47-53
- **BRASIL, Constituição Federal de 1988**, de 5 de outubro de 1988. Diário da Republica Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- KANNER, Leo (1943). **Austitic Disturbances of Affective Contact**. *Nervous Child*, n. 2, p. 247-248
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____, Resolução do Conselho Estadual de Educação, n. 400, de 20 de janeiro de outubro de 2005., Belém, PA, 20 de out de 2005.